

BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE O PRAGMATISMO DE PEIRCE

BRIEF CONSIDERATION ON PEIRCE PRAGMATISM

Maria Francysnalda Oliveira Dourado¹

Resumo: Este artigo tem como escopo apresentar brevemente o filósofo que é considerado o pai do pragmatismo, a saber, Charles Sanders Peirce. Assim, não há a pretensão de nos aprofundarmos nas lições desse filósofo, mas tão somente a de termos um panorama dos seus ensinamentos. Primeiramente, apresentaremos alguns críticos dessa corrente filosófica e, então, o pragmatismo do filósofo. Ressalta-se que esse estudo foi realizado mediante leitura, análise e interpretação, portanto, foi utilizada a *Pesquisa Bibliográfica* como metodologia. Foi observado, pois, que a crença nos leva aos hábitos e estes nos levam à significação. Ademais, o que um objeto significa para um povo diz respeito aos hábitos que o envolvem.

Palavras-chave: Método. Dúvida. Crença. Hábito.

Abstract: This article aims to briefly introduce the philosopher who is considered the father of pragmatism, namely Charles Sanders Peirce. Therefore, there is no pretension to deepen in the lessons of this philosopher, but only to have a panorama of his teachings. First, we will present some critics of this philosophical current and then the philosopher's pragmatism. It should be emphasized that this study was carried out through reading, analysis and interpretation, therefore, Bibliographic Research was used as methodology. It was observed, therefore, that belief leads us to habits and these lead us to meaning. In addition, what an object means for a people concerns the habits that surround it.

Keywords: Method. Doubt. Belief. Habit.

Introdução

O pragmatismo vai além de meras contemplações das verdades, isso porque ele se atém à prática. Ressalta-se, então, que o pragmatismo, apesar de alguns pesquisadores dizerem que se trata de uma teoria da verdade, é reconhecido como um método. Eis, pois, que um grupo de pensadores se reunia nos Estados Unidos, na década de 1870, com o objetivo de discutir sobre assuntos relacionados à filosofia. Os pensadores que compunham esse grupo denominaram-se de “O Clube Metafísico” (*The Metaphysical Club*). Dentre outros, filósofos como William James, Charles Sanders Peirce e o jurista Oliver Wendell Holmes Jr. faziam parte de tal Clube.

Alguns denominaram Charles Sanders Peirce como sendo o pai do pragmatismo, apesar de vermos resquícios dessa corrente na Antiguidade.

¹ Mestranda em Filosofia/UFPI. fnal.dourado@hotmail.com

O fato é que a filosofia de Peirce baseia-se em métodos. Ademais, ele vai de encontro aos pensamentos dos filósofos Descartes e Locke.

Para o pragmatista, dúvida e crença se diferem. Ora, este é um estado satisfatório e calmo, ao passo que aquele é um estado irritante e insatisfatório. Então, esse estado de dúvida nos faz lutar para que possamos nos libertar, sendo que o filósofo vai além, pois afirma que a crença leva ao hábito que, por sua vez, elenca significação às coisas.

1 Críticos do pragmatismo

A origem da palavra pragmatismo nos remete a questões concretas que, de certa forma, nos afasta das abstrações, ou seja, do filosofar apenas como mera reflexão ou como contemplação das verdades. Eis que, por esse viés, há mudanças da realidade através da ação. Cabe explicitar que alguns pesquisadores asseveram que o termo em questão é polissêmico e, deduzem que, em virtude disso, se tende a especificar *a priori* a etimologia do termo. O fato é que o pragmatismo debruça-se sobre problemas concretos da humanidade sem deixar de lado o filosofar proveniente das atividades intelectuais.

Ora, em Cambridge, Massachusetts, Estados Unidos, na década de 1870, alguns rapazes se uniram e formaram grupo de discussões sobre filosofia. Ironicamente, esses debatedores se denominaram “O Clube Metafísico” (*The Metaphysical Club*). De acordo com Nascimento, tal expressão é “uma alusão crítica à metafísica clássica e ao mesmo tempo uma tomada de posição em defesa de uma metafísica pragmática²”. Ressalta-se que faziam parte do Clube os filósofos William James, Charles Sanders Peirce e o jurista Oliver Wendell Holmes Jr., dentre outros pensadores.

O professor Menand aduz que o Clube era composto por pessoas que tinham uma única ideia, ou seja, uma ideia sobre ideias. Isso porque eles corroboravam com o fato de que “as ideias não estão ‘lá fora’ esperando para serem descobertas, mas são garfos como ferramentas e facas e microchips – que as pessoas planejam para lidar com o mundo em que eles se encontram³”.

Ressalta-se, no entanto, que as ideias levantadas pelo pragmatismo do Clube da Metafísica não são tidas como inéditas. Eis que, segundo Waal, “o pragmatismo era a

²NASCIMENTO, Edna Maria Magalhães do. Pragmatismo: uma filosofia da ação. **Revista Redescrições**– Revista online do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 1, 2011, p. 43.

³MENAND, Louis. **The Metaphysical Club**: A story of ideas in America. New York: Farrar, 2001, p. 11.

adoção sistemática e consciente de um método que os filósofos vêm praticando desde a Antiguidade⁴”. Inclusive, há quem afirme que o pragmatismo surgiu no século V a.C., tal como assinalou o filósofo britânico Ferdinand Schiller⁵, sendo Pitágoras o seu precursor. Ora, filósofos da Grécia antiga, como Sócrates e Aristóteles, aplicaram tal método e, caminhando um pouco mais pela linha filosófica, encontram-se Locke, Berkeley e até Hume, que se utilizaram do pragmatismo.

Nessa esteira, apesar de alguns denominarem Peirce como sendo o pai do pragmatismo, percebe-se, pois, que este surgiu bem antes. Inclusive, curiosamente, James batizou o subtítulo do seu livro “Pragmatismo” como “um novo nome para antigas maneiras de pensar”, corroborando a ideia de que essa filosofia não surge com o grupo de pensadores que formaram o Clube supracitado.

Pode-se conceituar o pragmatismo como sendo método, ou seja, ele pode ser “concebido como um método de investigação lógica com o intuito de alinhar teoria e prática⁶”.

[Para Peirce,] o pragmatismo é somente um critério de significação, que estipula ser o significado de *qualquer* conceito nada mais do que a soma total de suas consequências práticas concebíveis. Desse ponto de vista, conceitos que tenham consequências práticas concebíveis não têm significado e, se as consequências práticas concebíveis de dois conceitos são idênticas, ambos os conceitos são sinônimos⁷.

Além disso, é importante ressaltar que não se pode reduzir o pragmatismo tão somente a uma teoria do significado, este é, pois, uma teoria da verdade.

Apesar de mencionar anteriormente que se encontram resquícios do pragmatismo na Grécia antiga, mais ou menos no século V a.C., a doutrina em si teve origem nos Estados Unidos da América, sendo considerada como uma verdadeira escola americana de pensamento. E, em virtude disso, os críticos da doutrina dão ênfase a essa origem. Isso porque “o pragmatismo é aqui visto como o reflexo de uma cultura em que o valor de uma pintura é determinado e quantificado, precisamente, num lance de leilão,

⁴WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 18.

⁵Idem.

⁶MADEIRA, Marcelo Silvano. Pragmatismo ou pragmaticismo? Considerações sobre o conceito de pragmatismo a partir da análise do artigo “o que é o pragmatismo”. **Reveleto**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 6, n. 10, jul/dez, 2012, p. 2.

⁷WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 18.

e em que a grandeza de um filme ou produção teatral se iguala à sua arrecadação⁸”. Assim, não tem sentido o que não gera benefício material.

Cita-se como um dos primeiros críticos do pragmatismo o filósofo Bertrand Russell. Outros pensadores também fizeram críticas a esse dogma. A saber: Gilbert Keith Chesterton e o membro da Escola de Frankfurt, Max Horkheimer. Destarte, o bioeticista americano Leon Krass “desqualificou o pragmatismo como um avanço impensado na direção de qualquer coisa que sirva à experiência⁹”.

Corroborando Waal, os filósofos pragmáticos rebatem tais críticas enfatizando “que o pragmatismo, como qualquer empreendimento intelectual, é de maneiras importantes um reflexo do ambiente social e cultural do qual surgiu¹⁰”. Esclarece, porquanto, que o cenário do surgimento da doutrina pragmática é o pós-guerra americano. Sendo que a guerra civil americana ocorreu entre os anos de 1861 a 1865.

O fato é que, como já fora supracitado, pode-se afirmar que o pragmatismo é um método e, por isso, é diferente do materialismo.

[Ora] o que faz de alguém um materialista é a crença, numa ou noutra forma, de que a matéria é o constituinte primordial ou fundamental do universo. O materialismo é, assim, uma teoria acerca de como é o universo. O pragmatismo não faz esse tipo de alegações, mas, antes, diz respeito a como devemos realizar nossas atividades como filósofos, cientistas, detetives de homicídios, contabilistas etc., todas as vezes em que nos engajamos na inquirição¹¹.

Nessa esteira, pode-se afirmar que a ênfase é no método, no entanto, isso não significa que haverá uma separação do conteúdo. O fato é que se fazia necessário definir o significado das palavras, especialmente os da área filosófica e científica, e, assim, se valiam de um método. No caso, “o objetivo era mostrar que numerosos termos filosóficos não tinham significado e que certos problemas filosóficos centrais eram causados por falta de clareza terminológica¹²”.

Ademais, alguns pesquisadores corroboram a ideia de que o pragmatismo seria uma teoria da verdade. No entanto, conforme Peirce, este é apenas um critério de significação. Ou seja, “aquilo a que frequentemente se refere como a teoria pragmatista

⁸Ibidem, p. 20.

⁹Ibidem, p. 21.

¹⁰Idem.

¹¹WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 22.

¹²Idem.

da verdade resulta, então, da aplicação do critério pragmático de significação ao conceito de verdade¹³”.

Conforme Waal, as concepções de verdade dos pragmatistas são as que mais recebem críticas. Assim, “em termos gerais, a crítica é que os pragmatistas trocaram a verdade pela gratificação¹⁴”.

2 O pragmatismo de Peirce

De acordo com Waal, pode-se dividir o pragmatismo do filósofo norte-americano Charles Sanders Peirce em dois períodos, a saber: o primeiro é o período em que ele desenvolve o artigo intitulado “Como tornar claras as nossas ideias”, ao passo em que o segundo diz respeito à série “Exemplificações da lógica da ciência”.

No primeiro período, Peirce desenvolve o princípio do pragmatismo, ou seja, a máxima pragmatista. Foi a partir desse ponto que o filósofo passou a analisar os efeitos práticos dados pelo objeto da concepção. Conforme fora supracitado, Peirce enxerga o pragmatismo muito mais como critério de significação do que como uma teoria da verdade. Eis, pois, que é na máxima pragmatista de Peirce que se percebe tal afirmação. Assim, segundo o pragmatista,

[...] para determinar o sentido de uma concepção intelectual devem-se considerar as consequências práticas pensáveis como resultantes necessariamente da verdade da concepção; e a soma dessas consequências constituirá o sentido total da concepção¹⁵.

Cabe ressaltar, em virtude desses dois períodos citados anteriormente, que Peirce não modifica o próprio pensamento tal qual o filósofo Wittgenstein. Ocorre que aquele filósofo, como os demais seres humanos, é mutável. Nessa esteira, Waal afirma que “os pontos de vista de Peirce mudaram com o tempo, mas as mudanças foram mais graduais e multifacetadas, e somente tangencialmente se relacionaram com suas críticas aos outros pragmatistas¹⁶”.

¹³Ibidem, p. 23.

¹⁴Idem.

¹⁵PEIRCE, Charles Sanders. **Escritos coligidos**. Trad. de Armando Mora D’Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 8.

¹⁶WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 26.

Outro aspecto que deve ser levado em consideração, ao se falar sobre o pragmatista Peirce, é o fato de ele não ter sido um mero cientista, uma vez que o mesmo era mais completo, pois ele contribuiu notoriamente para áreas como a astrofísica e a geodesia, dentre outras.

Ressalta-se que “Peirce defendia que não temos poder de intuição, mas temos poder de introspecção, não podemos pensar de outra maneira a não ser por meio de signos e não temos concepção alguma do absolutamente incognoscível¹⁷”. Nesse viés, percebe-se que tal filósofo vai de encontro com a opinião estabelecida, mostrando que “a filosofia necessitava de uma séria reavaliação¹⁸”.

Peirce apresenta quatro negativas, sendo que estas são as bases do desenvolvimento do seu pragmatismo. A primeira das negativas diz respeito à afirmação de que o ser humano é dotado de conhecimento intuitivo. Ora, conforme Santaella, o filósofo “aponta para o fato de que a própria história da filosofia está cheia de disputas sobre quais proposições são intuitivas¹⁹”. Ressalta-se, pois, nesse aspecto, o filósofo francês René Descartes como um dos que traz essa concepção em sua filosofia.

[No entanto,] não temos poder de discriminar entre o que vimos e o que inferimos, por exemplo, ou entre o que é dado intuitivo e o que é um dado modificado pelo intelecto, entre o imediato e o que é mediato. Conclusão: mesmo que haja intuição originária, não temos meios de saber se elas são, de fato, originárias²⁰.

Eis que nesse ponto, ao refutar o conhecimento intuitivo, Peirce desenvolve o critério de significação, ou seja, “o princípio do pragmatismo”, como alguns denominam.

Quanto à segunda negação, essa se refere à introspecção, pois, para Peirce, não a temos. Nessa esteira, o pragmatista vai de encontro, mais uma vez, a Descartes, uma vez que, para aquele, nosso conhecimento progride de fora para dentro, ao passo que, para este, a progressão do conhecimento ocorre de dentro para fora. Ora, para Peirce, “*primeiro* aprendemos acerca do assim chamado mundo externo, e *então* derivamos,

¹⁷Ibidem, p. 27.

¹⁸Idem.

¹⁹SANTAELLA, Lúcia. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004 p. 41.

²⁰SANTAELLA, Lúcia. **O método anticartesiano de C. S. Peirce**. São Paulo: Editora UNESP, 2004, p. 41.

dessa nossa interação com esse mundo externo, que temos um eu e o que esse eu acarreta²¹”.

Tal negação dá ensejo à terceira, que é o fato de não podermos pensar sem signos.

[Nessa esteira,] se não temos acesso direto a nossos próprios pensamentos, então nossos próprios pensamentos nos são acessíveis somente de maneira indireta, por meio de seus aspectos externos, isto é, por meio de como se apresentam a nós, como signos. Mas isso equivale a dizer que o *único* pensamento de que podemos ter *cognição* é o pensamento em signos, e já que pertence à essência do pensamento sua possibilidade de ser conhecido [...], todo pensamento deve ser signos²².

A quarta objeção de Peirce designa a não aceitação do incognoscível.

O termo “incognoscível” advém de uma contradição, pois qualquer ideia que defina algo além do conhecimento possível (baseado no estágio atual do conhecimento) é o resultado de um abuso da linguagem. Todo pensável é concebível, e o que é concebível na realidade deve ser teoricamente cognoscível e significável: se algo é da natureza dos signos e do significado é, como tal, um conceito do cognoscível. A intuição, sim, operaria com o absolutamente incognoscível, porque lidaria com aquilo que não participa da linguagem e do conhecimento prévio. Mas o incognoscível (se existe algo como isso) simplesmente não tem qualquer relação com o pensamento, muito menos com a formação de uma base sólida para a construção de uma imagem do real e da verdade²³.

Ratifica-se que essas quatro objeções supracitadas são as portas para a filosofia de Peirce.

Eis que o pragmatista rompe com a tradição de Descartes e Locke. Assim, segundo Waal,

[...] em vez de singularizar ideias específicas como absolutamente certas e construir sua filosofia sobre elas, ele começou com as crenças que possuímos quando iniciamos nossa inquirição. [Sendo que,] a

²¹WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. – São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 29.

²²Idem.

²³SILVA FILHO, Waldomiro José da. Pragmatismo e crítica da subjetividade: Peirce contra o “espírito do cartesianismo”. **Síntese**. Belo Horizonte, v. 29, n. 95, 2002, p. 408.

inquirição sempre acontece contra um quadro de fundo de crenças tomadas como certas²⁴.

Nesse viés, Peirce diferencia crença de dúvida. Ora, aquela é um estado satisfatório e calmo, ao passo que esta é um estado irritante e insatisfatório. Ademais, este estado de dúvida nos faz lutar para que possamos nos libertar. O fato é que “não somente sentimos um forte desejo de mudar a dúvida em crença, mas chegamos a fazer o melhor que podemos para manter as crenças que temos, para evitar cair novamente em dúvida²⁵”.

Frisa-se que, apesar de diversas, tanto a crença quanto a dúvida exercem efeitos positivos sobre as pessoas. Assim, “a crença não nos leva a agir de imediato, mas nos coloca em situação tal que, chegada a ocasião, nos comportaremos de certa maneira. A dúvida não tem, absolutamente, esse efeito ativo, mas estimula-nos a indagar até vê-la destruída²⁶”.

Peirce faz uma analogia da dúvida com uma coceira. Assim, ao sentir uma coceira, instantaneamente o ser humano tende a coçá-la, aliviando-a. Então, “a dúvida é, assim, um estímulo direto para a inquirição, e paramos de inquirir tão logo a dúvida se tenha ido, assim como paramos de coçar quando a coceira desaparece²⁷”.

Entende-se, então, que a crença é diferente da dúvida, uma vez que não agimos de maneira diferente.

[O fato é que] somos movidos por crenças, e que elas se tornam hábitos de conduta de nossas ações. De outro modo, esses hábitos nos fazem agir sem um esforço reflexivo ao se tornarem inconscientes na medida em que os aceitamos por verdadeiros, isto é, somos conduzidos por eles, pois nos habituamos a interpretar seus significados como o modo correto de obtermos certos resultados²⁸.

²⁴WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 31.

²⁵Idem.

²⁶PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. Trad. de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1972, p. 77.

²⁷WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 32.

²⁸MADEIRA, Marcelo Silvano. Pragmatismo ou pragmaticismo? Considerações sobre o conceito de pragmatismo a partir da análise do artigo “o que é o pragmatismo”. **Reveleto**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 6, n. 10, jul/dez, 2012, p. 64.

Nesse sentido, “a crença é o estabelecimento de certo *hábito* que determinará como agiremos quando apropriadamente estimulados²⁹”. Assim, corroborando Pierce, “a essência da crença é a criação de um hábito e diferentes crenças se distinguem pelos diferentes tipos de ação a que dão lugar³⁰”. Ademais, o objetivo último de toda inquirição nada mais é do que reaver um estado de graça, ou seja, o próprio motivo da inquirição é nos livrarmos do desconforto da dúvida³¹.

Pode-se perquirir como fixar a crença sem que caia novamente na dúvida. Ora, para tal inquietação, Peirce apresenta quatro métodos em “A fixação da crença”, a saber: o método da tenacidade, o método da autoridade, o método *a priori* e o método científico³².

Ora, a teoria da crença e da dúvida dão ensejos à concepção de significação. Nessa esteira, de acordo com Waal,

[...] se o único propósito da inquirição é estabelecer a crença, e se a crença é um hábito ou uma disposição a agir, então a significação de uma palavra, sentença ou sinal rodoviário deve naturalmente ser entendida em termos dos hábitos ligados a eles; quer dizer, em termos de como eles nos levam a agir³³.

É nesse sentido que entendemos que uma cadeira é uma cadeira quando a associa com alguma resposta ou atitude que são habituais. Assim, “para Peirce, essas respostas ou atitudes efetivamente determinam o que aquelas palavras significam, quer dizer, constituem *toda* sua significação³⁴”.

Peirce buscou com o pragmatismo estabelecer uma teoria da significação cujo propósito é estabelecer, de maneira lógica, não uma doutrina da ação, mas uma concepção de se estar preparado para agir quando determinado evento assim o exija, ou de outro modo, a

²⁹WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 32.

³⁰PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. Trad. de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1972, p. 56.

³¹WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 32.

³²Não faz parte do objetivo deste artigo dissecar tais métodos. Em virtude disso é que estes apenas serão mencionados.

³³WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 39.

³⁴Idem.

efetivação de um pensamento ou ideia geral exteriorizada na forma de uma conduta, que corrobore o pensamento com a ação exteriorizada³⁵.

Pode-se ratificar que o pragmatismo “é um método para determinar o significado dos conceitos, ideias, crenças, alegações, proposições etc., de qualquer coisa que pode agir como um signo³⁶”. Assim, conforme Peirce, “um signo, ou *representamen*, é algo que, sob certo aspecto ou de algum modo, representa alguma coisa para alguém³⁷”.

Enfim, corroborando Waal, “para Peirce, a máxima pragmática é um critério de significação, *não* um critério de verdade³⁸”.

Considerações finais

Percebe-se que, algumas vezes, em determinado momento, algo se apresenta como verdadeiro, ao passo que, em outras vezes, a mesma coisa se apresenta como algo ilusório. Em virtude disso, Peirce nega o conhecimento intuitivo. Ademais, este também nega que tenhamos introspecção, sendo que a esta negação se subtrai que nossos pensamentos nos apresentam apenas como signos. Nesse viés é que se ousa dizer que todo pensamento deve acontecer em signos. E, finalmente, como quarta objeção, Peirce afirma que o incognoscível é inconcebível.

O pragmatista se distancia tanto do pensamento de Descartes quanto do de Locke, pois, para ele, a dúvida é diferente de crença. Ora, aquela traz inquietude e tende a ser imediatista, ao passo que esta não o é. O fato é que a crença nos leva a hábitos. Ademais, o ponto decisivo de Peirce é esta ideia de crenças enquanto hábito. Esse é um dos pontos que o difere dos demais pragmatistas.

Quiçá perceber que, se a crença nos leva aos hábitos, estes nos levam à significação. Assim, o que um objeto significa diz respeito aos hábitos que o envolve.

³⁵MADEIRA, Marcelo Silvano. Pragmatismo ou pragmaticismo? Considerações sobre o conceito de pragmatismo a partir da análise do artigo “o que é o pragmatismo”. **Reveleto**. Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 6, n. 10, jul/dez, 2012, p. 68.

³⁶WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. – São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 41.

³⁷PEIRCE, Charles Sanders. **Semiótica e Filosofia**. Trad. de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. – São Paulo: Editora Cultrix, 1972, p. 94.

³⁸WAAL, Cornelis de. **Sobrepragmatismo**. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. – São Paulo: Edições Loyola, 2007, p. 46.

Referências

- MADEIRA, M. S. Pragmatismo ou pragmaticismo? Considerações sobre o conceito de pragmatismo a partir da análise do artigo “o que é o pragmatismo”. *Reveleiteo*. Revista Eletrônica Espaço Teológico. Vol. 6, n. 10, jul/dez, 2012.
- MENAND, L. *The Metaphysical Club: A story of ideas in America*. – New York: Farrar, 2001.
- NASCIMENTO, E. M. M. Pragmatismo: uma filosofia da ação. *Revista Redescrições*– Revista online do GT de Pragmatismo Ano 3, Número 1, 2011(Nova Série), p. 42-57.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica e Filosofia*. Trad. de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg. São Paulo: Editora Cultrix, 1972.
- _____. *Escritos coligidos*. Trad. de Armando Mora D’Oliveira e Sérgio Pomerangblum. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983 (Coleção Os Pensadores).
- SANTAELLA, L. *O método anticartesiano de C. S. Peirce*. São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- SILVA FILHO, W. J. Pragmatismo e crítica da subjetividade: Peirce contra o “espírito do cartesianismo”. *Síntese*. Belo Horizonte, v. 29, n. 95, 2002.
- WAAL, C. *Sobrepragmatismo*. Trad. de Cassiano Terra Rodrigues. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Recebido em: 22/09/2018
Aprovado em: 26/09/2018